

Pesquisa do IBGE põe em xeque eficácia de programas sociais

NÓ DA FOME



ADRIANA NICÁCIO

Era tudo o que o governo Lula queria ouvir para justificar seus investimentos no social. Paradoxalmente, era o que a oposição precisava para atacar as políticas públicas do governo como ineficientes. Na quarta-feira, 17, o IBGE divulgou a primeira pesquisa sobre Segurança Alimentar realizada no País e mostrou a percepção dos brasileiros sobre seu acesso aos alimentos. Os números indicam que em 2004 a fome bateu à porta de pelo menos 18 milhões de lares. No jargão técnico, 72 milhões de pessoas conviveram em domicílios com insegurança alimentar em três níveis: grave, moderada ou leve. Nesses números frios também aparecem os brasileiros inscritos em programas sociais como o Fome Zero, com o qual o governo gastou R\$ 4 bilhões no ano passa-

do. Mesmo entre os que recebem ajuda governamental,

pelo menos 15% ainda apontam a fome como companhia do dia-a-dia. De acordo com a pesquisa, entre os que participam do programa Fome Zero, 66% ainda afirmaram ter preocupação com a falta de comida. Em 1,2 milhão de lares, as pessoas disseram ter ficado pelo menos um dia sem ter o que comer, entre setembro e dezembro de 2004. "Isso mostra que as atuais políticas sociais precisam ser repensadas com urgência. Há uma grave distorção de foco", afirma o senador Álvaro Dias, do PSDB.

Embora a pesquisa do IBGE sugira o contrário, a situação alimentar do Brasil vem melhorando. E muito. Em 2004, os brasileiros que viviam abaixo da linha da pobreza — com menos de US\$ 1 de acordo com os critérios da ONU — eram 6,74% da população. Nú-

mero muito inferior aos 12,41% registrados em 1993. A redução da pobreza por esse critério é monitorada pela FGV no Brasil e faz parte da chamada Primeira Meta do Milênio de redução da extrema pobreza à metade entre 1990 e 2015, proposta pela ONU. O resultado esperado em 25 anos foi alcançado em 10 anos pelo Brasil. Um outro levantamento, realizado pela USP recentemente, apontou outro dado positivo: no ano passado 6,75% das crianças do semi-árido brasileiro passavam fome. Ainda é muito, mas bem menos que os 47% de 1975. Com números tão positivos o que explica os dados do levantamento do IBGE? A resposta pode estar na psicologia. O levantamento feito pelo instituto, desta vez, levou em conta não apenas os números e o resultado da balança na pesagem de crianças. As perguntas buscaram captar situações e dramas que a balança não acusa. **Um lar onde falte comida por meia dúzia de dias em um ano pode não ter crianças subnutridas, mas certamente vive um drama social de primeira grandeza.** Para captar esse sentimento, as pessoas responderam perguntas como "deixou de comer porque não tinha dinheiro?" Em caso positivo, a família era classificada como caso de insegurança alimentar.

"É a sensação de segurança alimentar, em qualidade e quantidade que se está medindo", explica a pesquisadora do IBGE Vandelí dos Santos Guerra. Para o professor Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, não há como modificar esse cenário sem distribuição de renda, reforma agrária e crescimento econômico. "Os programas não são de superação da pobreza. Eles aliviam, mas não resolvem", garante. "A pesquisa mostra que estamos no caminho certo", analisa Rômulo Paes, secretário de Avaliação e Gestão da Informação. "O Fome Zero está chegando justamente onde a população precisa".

ARTE: EVANGELINO RODRIGUES

RAIO-X DA FOME

72 milhões de pessoas ainda vivem com insegurança alimentar

R\$
4

BILHÕES

foi quanto o governo gastou com o programa Fome Zero em 2005

15%

dos inscritos em programas sociais disseram ainda passar fome

6,7%

dos brasileiros vivem com menos de US\$ 1 por dia. Menos que os 12% de 1993